

BIOMBOS_{DOS}
PORTUGUESES



Comissão de Honra

Comissão Portuguesa

Presidente

Mário Soares

Membros

Adriano Moreira
António Alçada Baptista
Francisco Pinto Balsemão
José Carlos Vasconcelos
Manuel Alegre

Comissão Brasileira

Presidente

Marco Maciel

Membros

Boris Fausto
Fernanda Montenegro
Gilberto Gil
José Mindlin
Nélida Piñon

Comissão Bilateral Executiva

Rafael Greca de Macedo
Joaquim Romero Magalhães



APOIO



PATROCÍNIOS



BIOMBOS DOS PORTUGUESES



COMISSÃO NACIONAL
PARA AS COMEMORAÇÕES
DOS DESCOBRIMENTOS
PORTUGUESES



COMISSÃO NACIONAL
PARA AS COMEMORAÇÕES
DOS DESCOBRIMENTOS
PORTUGUESES

Comissário-Geral

Joaquim Romero Magalhães

Coordenadores-adjuntos

Ana Maria Rodrigues

Joaquim Soeiro de Brito

Vogais

Fernando de Jesus Fernandes

João Paulo Salvado

Jorge Santos Alves

Era uma outra civilização. Outros hábitos, outros costumes, outros comportamentos. Outras gentes. Muito tinham ainda a aprender os bárbaros do Ocidente, os Nambam. Comer com as mãos era visto com divertimento pelos japoneses. Japoneses que nas suas frágeis habitações já queriam comodidade, o que a Europa, requintada embora nas artes da renascença, todavia não prezava. Mas no Império do Sol Nascente havia que usar materiais ligeiros, porque pela instabilidade tectónica das ilhas sempre em perigo viviam os moradores. Daí a existência de biombos, leves separações de papel, resguardando a privacidade doméstica de olhares menos puros. A que a decoração pictórica acrescentava encanto.

Aproveitavam-se esses anteparos para a decoração, e notável foi desde logo a representação que neles foi feita destes exóticos e narigudos aventureiros que de longe chegavam. Novos motivos vão povoar o imaginário japonês, e servir de documento dessa presença que agora se tornava habitual. Fresca e ingénua representação, onde não faltam pormenores a assinalar o que de diferente para os olhares orientais se mostrava dos portugueses. São mercadores, são padres, são mareantes, são moços de serviço. E são os japoneses a acolhê-los, a apreciar os fardos das veniagas que trazem. A admirar a pompa com que se apresentam a vender as suas mercadorias: seda e ouro, a um Japão que tinha prata em abundância para fornecer. A presença portuguesa no Japão, que se inicia em 1543, vai durar quase um século. Com profundas rupturas, que a persistente tentativa de evangelização por parte dos jesuítas faz gorar em 1639.

Ficou porém um fantástico conjunto de documentos desse encontro cultural, em que trocas mútuas e visões enriquecidas se alimentaram. Sempre essas representações fascinaram os que sobre a história e sobre a arte dos portugueses se debruçaram. Mas, só por volta de 1940, Milly Possosz ousou criar uma notável peça a jeito de biombo, em leitura próxima dos originais japoneses. Que afinal não teve sequência nem repercutiu no meio artístico. E que ficou servindo como mero objecto decorativo em organismos do Estado. Foi só para comemorar os 450 anos desse começo, em 1993,

que o então Comissário-Geral da CNCDP, Vasco Graça Moura, decidiu encomendar a pintores portugueses de nomeada a revisitação desses biombos. Com notável resultado. Mais. Para a Expo'98, singular manifestação da modernidade portuguesa, a Comissária do Pavilhão de Portugal, Simonetta da Luz Afonso, e a CNCDP encomendaram um pequeno filme, de moderníssima técnica, também inspirado na visão nipónica e portuguesa da fixação desse momento privilegiado em que culturas e gentes contactavam pela primeira vez. A que se acrescenta agora uma nova peça, encomendada ao pintor António Viana, que já participava no conjunto inicial.

Biombos, em ilustração de cenas comuns, que afinal eram novidade. Era a nova novidade de mundos que se aproximavam numa Humanidade que ainda desconhecia a sua unidade essencial.

Joaquim Romero Magalhães
Comissário-Geral da CNCDP

UNS PANOS PINTADOS QUE SE DOBRAM

Nas obras dos padres Luís Fróis e Rodrigues Tçuzzu são feitas algumas referências a uns adereços chamados *byobus* ou *beobus*, palavras em que ocorreu, entre nós, a nasalização do ditongo oral, redundando na forma *biombo* do Português moderno. Por Fróis, ficamos a saber desses *biombos*, «que são uns panos pintados que se dobram», «dourados em extremo bem feitos, limpos e lustrosos», sendo, com frequência, posta em destaque a sua função decorativa e ornamental. Por Rodrigues Tçuzzu, vemo-los definidos como «uma maneira de painéis grossos que se tem por si em pé, de que usam os Iapões pera ornamento das casas, & pera contra o vento». Mas Fróis vai mais longe e põe também em destaque a procura que havia para essas ricas peças no mercado externo: «e as paredes todas estão guarneçadas com uma certa maneira de ornamentos, de que eles usam em lugar de tapeçaria, a que chamam *beobus*, dos quais se tem já mandados alguns a Portugal e a Roma, e vão cada ano para a Índia muitos, e são todos dourados com diversas pinturas». Mais tarde, muito mais tarde, o padre Rafael Bluteau constrói, no seu *Vocabulário venerável*, o primeiro verbete a figurar em dicionário da língua portuguesa: «*Biombos* – armação portátil de grades de pau cobertas de pano, ou de outra matéria, pegadas umas às outras & dobradiças, que se empinam nas portas das casas para as abrigar do vento.»

É por de mais conhecida a importância que os *biombos* japoneses vieram a ter, como peças de raro valor em colecções de arte e museus. Mas há uma série deles que representa momentos do encontro de há vários séculos entre japoneses e portugueses, e que hoje é extraordinariamente valorizada, não apenas como conjunto excepcional de obras de arte mas ainda como referente e fonte histórica insubstituível para um imaginário empenhado em operar o *reconhecimento* das múltiplas modalidades sociais e culturais desse encontro, desde a chegada dos mercadores até ao ameno conciliábulo com os jesuítas, passando pela representação minuciosa de fisionomias, trajes, objectos e alfaias, usos, costumes e rituais, práticas de comércio e de navegação, de sociabilidade e de recreio, animais, embarcações,

idades e paisagens, e tudo o mais que integra esse universo singular que povoa, a laca preta e ouro e outras cores, as folhas articuladas de cada uma dessas peças, e que vem, desde há anos, sendo objecto das finas análises de Maria Helena Mendes Pinto.

A intenção de realismo, aliás, é textualmente documentada por Luís Fróis, quando refere «uns panos de armar de maneira que os senhores japões usam, aos quais chamam beobus, que são dourados e pintados de muita estima entre eles, e [o nobre Nobunanga] mandou-os fazer ao mais insigne oficial que havia em Japão, e neles mandou pintar esta cidade com a sua fortaleza *tão ao natural, que não queria que discrepassem da verdade em nenhuma cousa*, figurando neles o sítio e a alagoa, as casas, a fortaleza, as ruas, as pontes e tudo o mais, em que se gastou muito tempo» (sublinhado meu).

Não sei se já foi observado como é singular o tratamento do espaço que os biombos permitem. Não apenas por apresentarem os seus enunciados à margem das regras de uma perspectiva simulatória do espaço real que o Ocidente engendrou a partir do século XV. Dir-se-ia, com efeito, que, nos biombos, a representação flutua e se organiza por oscilações do, e no, espaço, por agrupamentos, pesos, exageros, reduções, em escalas que vão variando, cachos de elementos soltos entre si, mas interligados por uma espécie de implantação em arabesco, ou então por uma malha diagonal que os distribui, num compromisso entre as virtualidades do ornato e as exigências da verosimilhança, entre as intenções decorativas e as regras miméticas de um discurso organizado sobre uma série de elementos hierarquizados do real. E, por outro lado, a própria possibilidade da sua instalação articulada sob diversos ângulos, vem introduzir nesse espaço uma componente dinâmica, um factor de flexão e de temporalidade, a reforçar as características correspondentes do próprio acto de percorrê-lo com os olhos, sendo que esse diacronismo vivencial e subjectivo da leitura corresponde a um princípio de intervenção do tempo humano na estática presença da obra de arte.

Quando, na Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, surgiu a ideia de propor a vários artistas contemporâneos o desafio de uma incursão «provocatória» no universo dos biombos, destinada a ser exibida no quadro das presentes celebrações dos 450 anos de amizade luso-japonesa, tínhamos presente a existência de, pelo menos, um

GRAÇA MORAIS



CARLOS CARREIRO



precedente conhecido: num departamento do Estado, encontra-se um biombo de fundo predominantemente prateado, da autoria de Milly Possosz, patentemente inspirado nas andanças de Fernão Mendes Pinto por terras do Sol Nascente. Ignoro as condições em que foi produzido, mas creio que terá tido a ver com a Exposição do Mundo Português, de 1940.

Eis agora, portanto, sete biombos de outros tantos artistas portugueses¹, realizados na correspondência do nosso convite, que apenas implicava, para além da ideia de referência e do prazo de acabamento, uma área exactamente igual posta à disposição de cada um dos pintores convidados, a quem foi fornecido o suporte de tela, já engradado e montado em biombo. O resultado é surpreendente e convido os leitores a um percurso muito rápido através desta floresta de painéis.

Graça Morais desenvolve um dos seus vigorosos processos metamórficos, em que fortemente se cruzam os seus exercícios anteriores sobre os valores mágicos de uma dada ruralidade mitológica e as suas pesquisas sobre a arte africana, numa sequência de simetrias simbólicas de evidentes conotações com o sagrado, propondo-nos uma liturgia de envolvimentos quase hipnóticos no círculo e na serpente, no Homem e na Mulher, numa androginia que vai dar ao grande segredo equilibrado entre o ovo e a ave, como diria Vitorino Nemésio..., tudo a arrancar explosivamente de uma grande matriz de fogo que opera as transmutações dos mistérios e dos símbolos incandescentes.

Carlos Carreiro utiliza a superfície espalmada das seis folhas para engendrar uma contiguidade panorâmica em que confluem alguns elementos típicos do seu universo, a que não deveria chamar-se «absurdo», mas antes «propositadamente injustificado». Nas suas atmosferas nocturnas há um navio que soçobra e uma família que con-

¹ Na sua versão inicial, esta exposição integrava também um outro biombo, da autoria de René Bertholo, pertencente à Galeria Fernando Santos, no Porto, recentemente adquirido pelo Instituto Politécnico do Porto. Razão pela qual deixou de acompanhar esta exposição. (*N. do E.*)

JOÃO VIEIRA



ANTÓNIO PALOLO



templa outros fulgores, de uma luz fria, logo por baixo de uma paródia de perspectiva europeia, que introduz no seu biombo uma dimensão que habitualmente não vem a este género, a simulação tridimensional. No extremo oposto, entre fosforescências, há bizarras captações ou capturas: alguém pesca com um camaroeiro ou rede de apanhar borboletas na mão, ao lado de uma espécie de insecto antropocéfalo e crepuscular que surge, de óculos escuros, na obscuridade. Trata-se de um biombo de aparência narrativa, mas cujo sentido imediato acaba por ser neutralizado num curto-circuito intencional. Sem prejuízo de outros tipos de instalação possível, é um caso típico de biombo para ser usado «em lugar de tapeçaria», como dizia o padre Luís Fróis, ou seja, espalmado sobre a parede.

João Vieira estruturou a sua composição como uma sequência de seis unidades de forte expressão verticalizada. O letrismo e a sugestão alfabética foram-se tornando características da sua pintura, como um percurso de tensões e violências não resolvidas entre as semânticas impossíveis de um sentido perdido pela escrita e as recuperações expressio-nistas e veementes do gesto de traçar significantes que lhe está subjacente. Aqui, essas caligrafias amalgamam-se em massas que se tornam mais compactas, de largo traçado, como blocos musculados, que ali estão, fazendo de sentinelas, mas em postura disponível para qualquer organização que o espaço viabilize. São a resposta (ou a proposta?) de uma pintura que partiu das formas da letra ocidental, apresentada a um sistema em que a caligrafia é também uma forma de arte. Dos pintores presentes, João Vieira é, neste aspecto, o que mais claramente assume os extremos, que evidentemente se tocam, do diálogo e da irredutibilidade dos olhares e dos gestos.

Também jogando no forte travejamento das verticais, **António Palolo** propõe-nos uma grelha em que longas faixas de cor se horizontalizam numa pauta contrastante com

ANTÓNIO VIANA



PEDRO PROENÇA



aquela espécie de barras rígidas de compasso. Diferentes musicalidades visuais sairão da abertura disposta em ângulos diferentes desta poética seriada no mais estrito rigor geométrico e cromático, mas em que se conjugam admiravelmente razão e emoção, numa disciplina *ostinata* a que Palolo regressa, inovando parâmetros de uma espécie de classicismo pós-modernista, depois da sua fase de figurações emaranhadas e de vertigem cósmica dos anos 80.

António Viana transporta para a superfície do seu biombo o fascínio que o empurra para o universo dos êmbolos, alavancas, molas, torniquetes, fichas, ligações, peças de engrenagem montadas numa mecânica de projectos lúdicos e friamente articulados até ao *desfuncionamento* das suas agregações. A herança do cubismo analítico foi fecundada pelos achados e pelo imaginário do desenho de máquinas, num catálogo de peças sempre interligáveis nas suas microperspectivas de rigoroso encaixe, num cromatismo de grande e despojada sobriedade, reforçando as condensações de uma ironia muito própria sobre os mundos da tecnologia desumanizada. Quando o biombo for armado sobre o chão, suponho que o seu efeito em certos casos será quase o do *trompe l'oeil*, neutralizando-se o suporte pelos próprios ângulos em que a peça se apresentará a cada espectador, como uma complexa máquina absurda de ligações aparentemente lógicas, cujas vísceras metálicas foram deixadas à mostra.

Pedro Proença assume, num refinado grafismo de referentes quase absolutamente literários e literais, os contactos de Portugal com o Extremo Oriente, que se tornam o pano de fundo da sua criação, num percurso assim inspirado pela morfologia *namban*, mas em que a escala comparativa das sucessivas figurações deambulando em passeio é marcadamente ocidental. Sobre essa unida superfície amarela delicadamente desenhada,



JOSÉ DE GUIMARÃES

inscreve-se o arabesco azul de um cordão interligante, formando um segundo perímetro junto ao qual afloram, como que incrustadas, representações de objectos de colorido forte e de formas caprichosas e inesperadas. É um alegre e intrigante jogo de figurinhas, proposto sobre o passado e talvez sobre alguns dos sem-sentidos de um sentido que globalmente se possa construir para ele.

José de Guimarães realiza, com grande vitalidade, a necessidade de ligação explícita entre as seis folhas do seu biombo. Recorre a uma grande e fortíssima serpente, cujo corpo, também azul e a recortar-se sobre fundo amarelo, passa de umas às outras, numa curva de ritmos ondulantes que vem estruturar e comandar poderosamente toda a composição. Como peças soltas de um *puzzle*, há várias figuras que se repetem, fortemente recortadas e dispostas numa quase simetria, em relação ao eixo constituído pela maior delas, a ocupar as duas folhas centrais do biombo. Tal como nos biombos *namban*, para essas figuras há três escalas diferentes, que aqui são utilizadas num jogo elementar de divertidos grotescos, numa truculenta estranheza teratológica que também traduz, de algum modo, o conceito de *namban* como bárbaro estrangeiro, jogo que se desenvolve na mais pura bidimensionalidade, a qual se manterá inalterada, a despeito da armação da peça em vários ângulos de apresentação.

Sempre temos defendido que comemorar é também repropor incessantemente novas modalidades de diálogo entre povos e culturas. Não basta aprofundar o conhecimento do passado para melhor chegar ao conhecimento e à compreensão do Homem. É também pela intervenção actuante e interactuante, pelas afirmações, pelas interrogações, pelas respostas, pelos reenvios e pelos ecos de todos esses discursos, que se vão incessantemente entrecruzando, que essa dimensão do humano ganha em compreensão e em

profundidade. Não podiam portanto as nossas comemorações ignorar ou esquecer os contributos da arte moderna nos contextos em que eles se tornam possíveis. Este é, afinal, mais um desses casos. Levámos biombos nossos ao Japão, manifestações da nossa criação cultural viva, *nambanmente* falando, se é que tal expressão é permitida para arrepio dos puristas da Língua...

Aqui chegados, peço vénia para recorrer, uma vez mais, ao padre Luís Fróis, para concluir esta apresentação: «E como os Japões são naturalmente muito curiosos de ver cousas novas, era tanto o concurso de gente em Anzuchiyama, no Miaco, Sacai e em Bungo a ver os biombos, que para satisfazer com todos era necessário pô-los na igreja para que ali os pudessem ver livremente homens e mulheres [...].»

Vasco Graça Moura

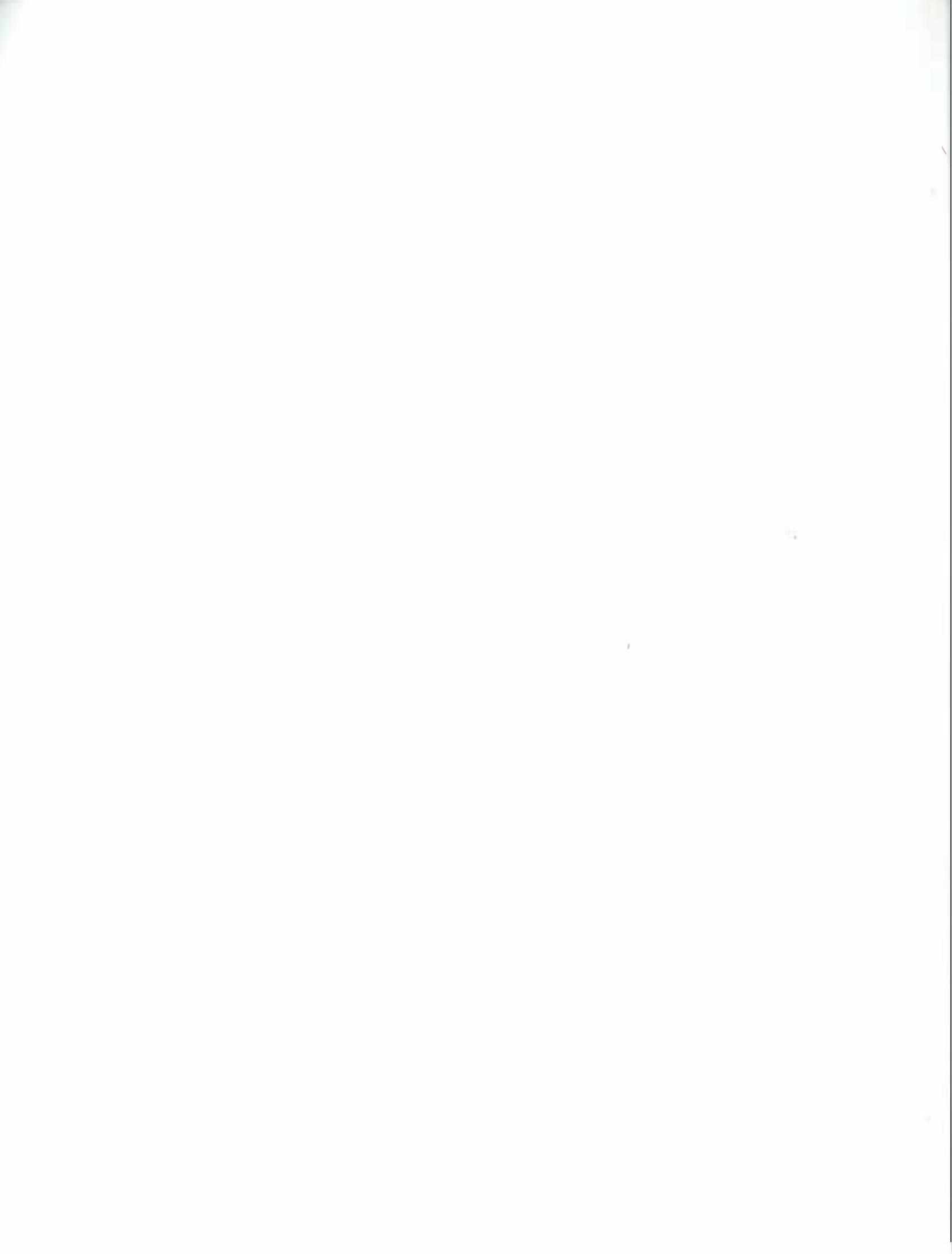


GRAÇA MORAIS



FOTO: ROBERTO DE SANTANHO

Nasceu em 1948, em Vieiro, Trás-os-Montes, e vive em Lisboa. Licenciada em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto no ano de 1971.



Algumas das suas exposições mais importantes:

O Rosto e os Frutos, SNBA [1980].

Mapas e o Espírito da Oliveira, que expôs em 1984 e 1985 no MAM de São Paulo e Rio de Janeiro.

Erotismo e Morte, Universidade de Granada [1985].

O Erótico e o Sagrado, Imprensa Nacional [1985].

Exposição com o livro *Graça Morais. Linhas da Terra*, de António Mega Ferreira.

Evocações e Extâses, Galeria 111 [1987].

Em 1990 expôs em Washington [Kimberly Gallery] e Nova Iorque [Scott Alan Gallery].

A sua maior exposição antológica foi organizada em 1997 pela Culturgest em Lisboa e no Porto [Museu Soares dos Reis].

No ano de 1995, criou figurinos e cenários para a peça *Ricardo II*, de Shakespeare, no Teatro D. Maria II.

Em 1997, executou painéis de azulejos para a estação de Bielorrússia do Metropolitano de Moscovo.

Ainda neste ano, foi publicado o livro *Graça Morais*, Quetzal/111, da autoria de Vasco Graça Moura e Sílvia Chicó, e estreado o filme *As Escolhidas*, de Margarida Gil, baseado na vida e obra de Graça Morais.

Em 1998 realizou diversas exposições antológicas no país e a exposição *Geografias do Sagrado*, na Galeria 111, do Porto.

Em 1999 realizou as exposições *Sete Tapeçarias*, na Galeria Tapeçarias de Portalegre [Lisboa].

Exposição *Anjos da Montanha*, na Galeria Ratton, em Lisboa.

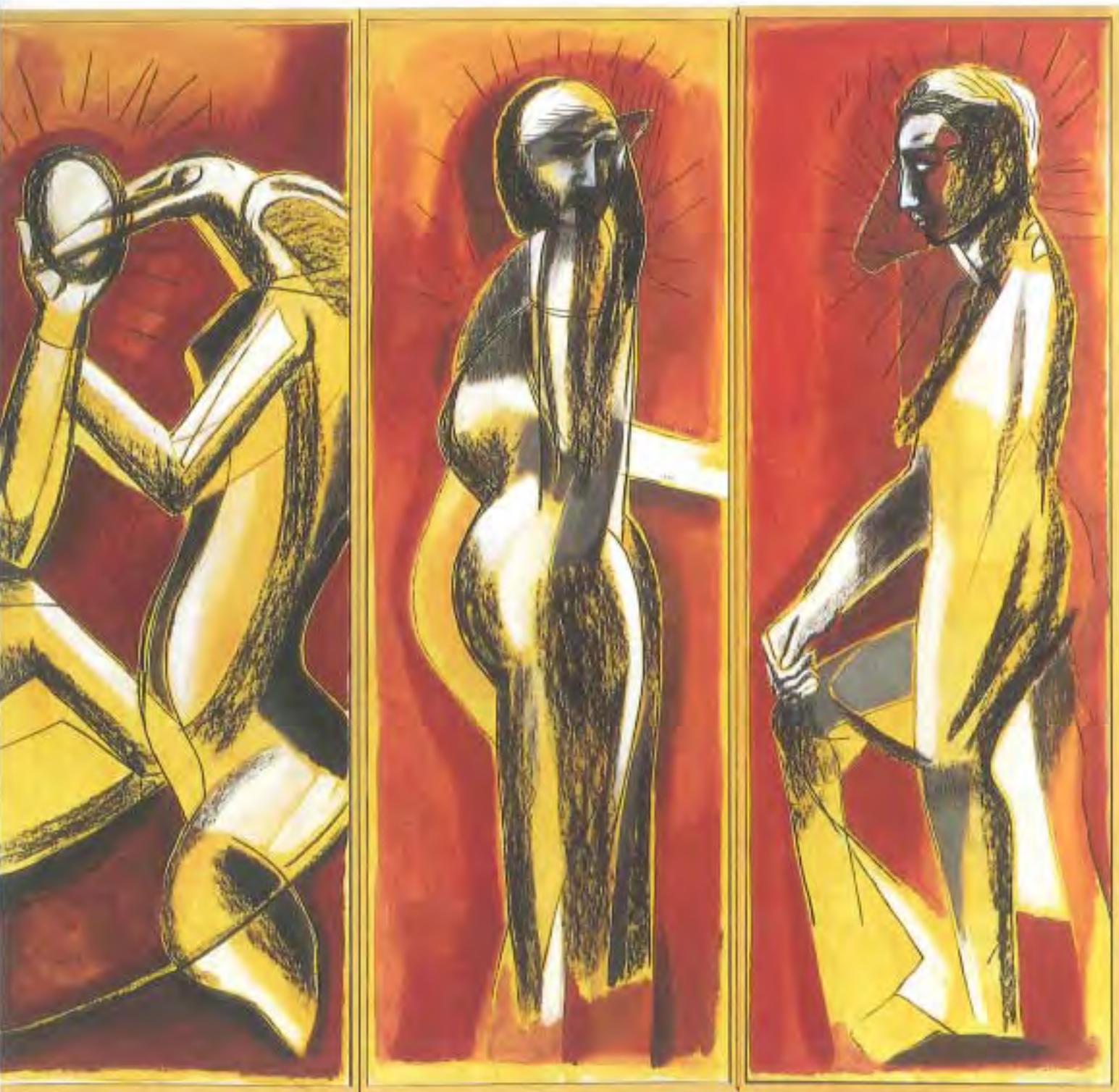
Exposição *Geografias do Sagrado*, apresentada em Trento [Itália] e no Palácio Foz, em Lisboa.

Participou ainda na exposição colectiva *Leituras da Carta de Pêro Vaz de Caminha* a convite da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. Está representada em colecções privadas e públicas, distinguindo-se, entre outras, a do CAM/Fundação Calouste Gulbenkian, MAM de São Paulo, MC/Casa de Serralves, CGD e Ministério das Finanças.

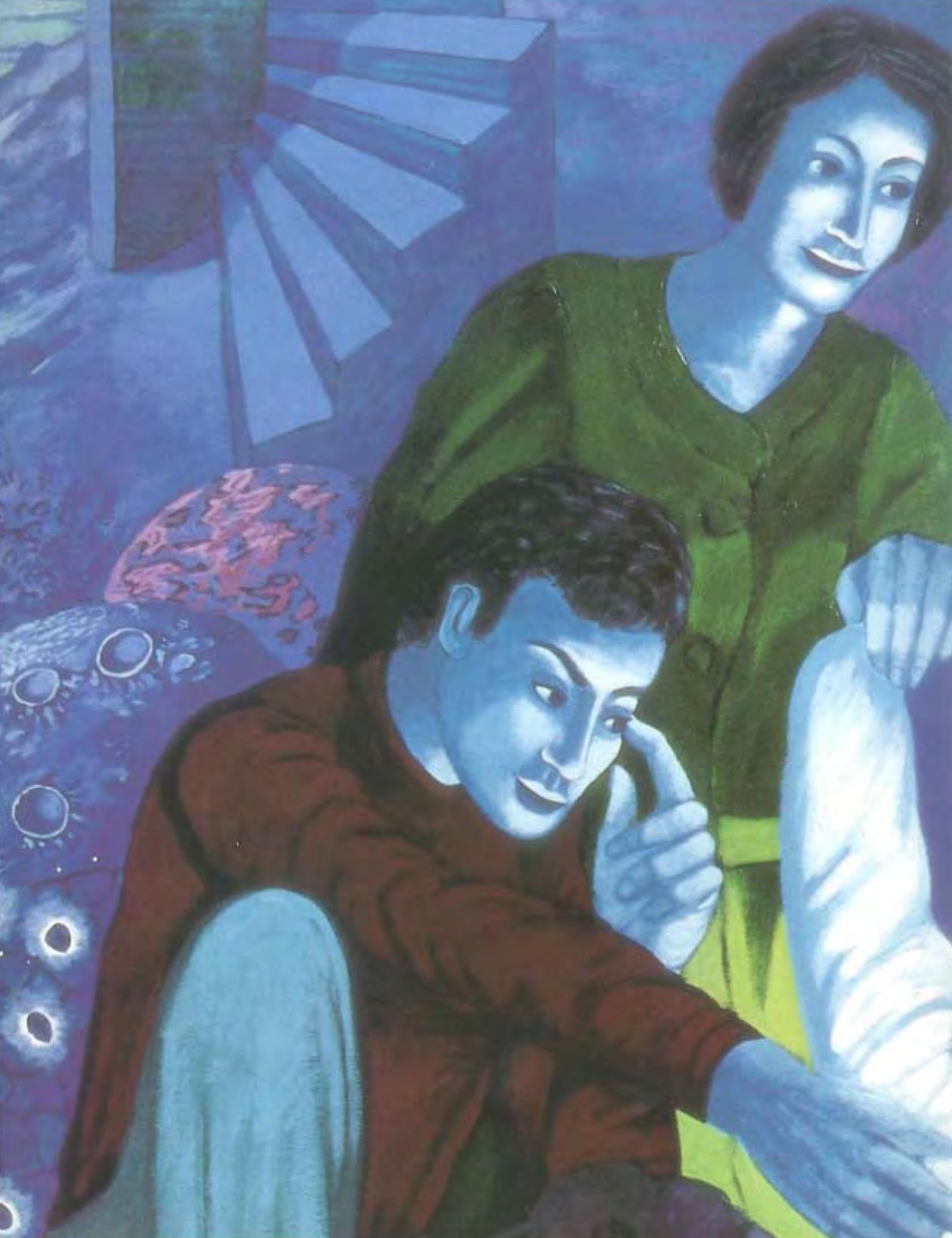
Bibliografia seleccionada:

FERREIRA, António Mega, *Graça Morais. Linhas de Terra*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda [col. Arte e Artistas], 1985; MOURA, Vasco Graça e CHICÓ, Sílvia, *Graça Morais*, Lisboa, Quetzal, 1997.





Acrílico e carvão sobre tela



CARLOS CARREIRO



Nasceu em 1946, em Ponta Delgada, Açores. Frequentou durante dois anos a Faculdade de Direito de Lisboa. Em 1972 terminou o curso complementar de pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde actualmente é professor agregado.

Em 1976 formou o grupo Puzzle juntamente com oito artistas e um crítico de arte, através do qual participou em várias exposições individuais e colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em 1978.

Teve na sua carreira onze prémios de pintura, desenho e gravura. GANHOU CINCO PRÉMIOS DURANTE O CURSO DA ESBAP. RECEBEU TRÊS OUTROS DE AQUISIÇÃO NA BIENAL DE VILA NOVA DE FAMALICÃO, NA 1.ª EXPOSIÇÃO DE WANDSHNEIDER E NA 1.ª EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS DO BANCO DE FOMENTO.

Obteve o primeiro prémio de presença na exposição 1984 – *O Futuro É já Hoje?*. Obteve o 1.º prémio de pintura do Salão de Outono 1984 – Prémio Verbo.

Em 1987 ganhou o 2.º prémio de gravura do concurso *Como os Artistas Vêm a Poluição do Ar* organizada pela Câmara Municipal de Setúbal.

Em 1996 ganhou o Prémio Nacional de Pintura – II Bienal AIP – menção honrosa – Montras Barclays.

Em 1997 ganhou o prémio Art – Car – BMW.

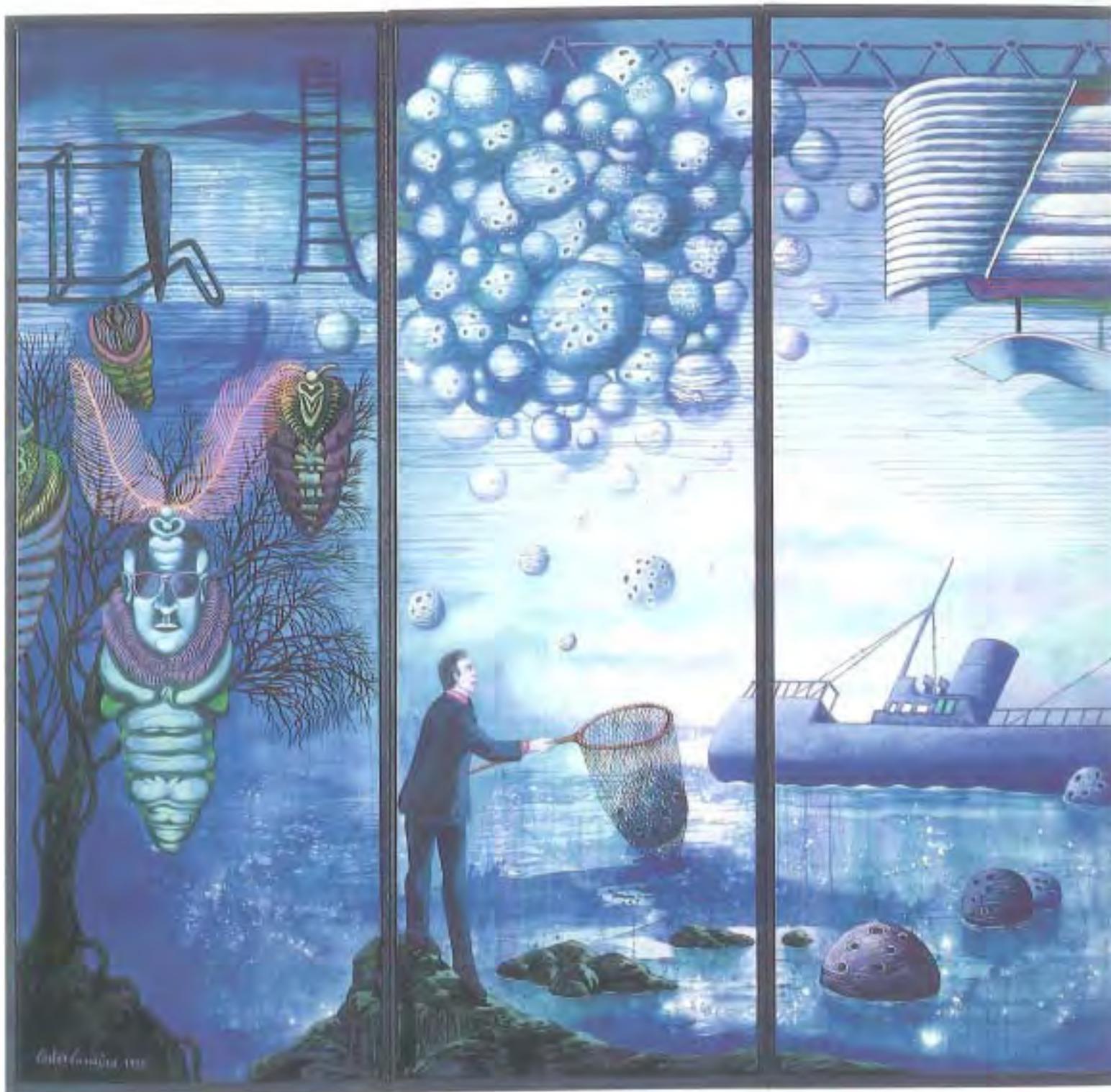
Juntamente com o escultor Carlos Barreira, foi o comissário da exposição *ESBAP/FBAUP*, organizada pela Reitoria da Universidade do Porto no Museu dos Transportes (Alfândega do Porto), de Junho a Agosto de 1995, que foi uma compilação dos 215 anos da Escola Superior de Belas Artes do Porto.

Ao longo da sua actividade editou cinco serigrafias, ilustrou várias edições, fez a capa do disco dos GNR *A Valsa dos Detectives* e fez a imagem gráfica usada pela Fundação Calouste Gulbenkian nos Encontros Acarte de 1988.

Em 1994, a seguradora Atlântico editou um livro sobre a sua pintura.

Exposições individuais:

- 1968 Comissão Regional de Turismo, Ponta Delgada.
- 1972 Galeria Teia, Ponta Delgada.
- 1973 Galeria Zen, Porto.
- 1974 Museu Carlos Machado, Ponta Delgada.
- 1977 Galeria Diagonale, Paris.
- 1978 Galeria 111, Lisboa. Museu Carlos Machado, Ponta Delgada.
- 1979 Galeria JN, Porto. Biblioteca Municipal de Vila do Conde. Petrogal, Porto.
- 1980 Galeria de Arte Moderna, SNBA, Lisboa.
- 1981 Galeria Roma e Pavia, Porto. Museu Amadeo de Souza-Cardoso, Amarante.
- 1982 Galeria Módulo, Porto.
- 1984 Galeria Diagonal, Cascais. EG, Porto.
- 1985 Galeria São Pedro, Amarante. Galeria Presença, Coimbra. Palace Hotel de Vidago.
- 1986 Galeria Bertrand, Lisboa. Galeria Bertrand, Porto. Galeria Arco 8, Ponta Delgada.
- 1987 Galeria Presença, Coimbra. Galeria La Pub, Figueira da Foz.
- 1988 Galeria JN, Porto. Galeria Arco 8, no Fórum de Arte Contemporânea, Lisboa. Galeria Arco 8, Ponta Delgada.
- 1990 Galeria da Praça, Porto.
- 1991 Exposição Antológica, Palácio dos Capitães Gerais, Angra do Heroísmo; Museu da Horta; Museu Carlos Machado, Ponta Delgada.
- 1992 Exposição Antológica, Carlos Carreiro e Vinte e Cinco Anos de Pintura / 1967-92, SNBA, Lisboa; Casa das Artes, Porto; Auditório Municipal de Gondomar; Centro de Arte de São João da Madeira; Edifício Chiado em Coimbra e Galeria Municipal de Aveiro.
- 1993 Exposição e Workshop de Pintura, Academia de Artes Visuais, Macau; Galeria Árvore, Porto.
- 1994 Galeria Marconi, Ponta Delgada.
- 1995 Galeria Almadarte, Costa da Caparica.
- 1996 Galeria Mário Sequeira, Braga. Galeria Degrau Arte, Porto.
- 1997 Galeria Arco 8, Ponta Delgada.
- 1998 Galeria Melo e Alvim, Viana do Castelo.
- 1999 Galeria Árvore, Porto. Galeria da Câmara Municipal de Castelo de Paiva.
- 2000 Casa Municipal da Cultura de Cantanhede.





ENCONTROS DE ASTRÓLOGOS | Acrílico e carvão sobre tela



JOÃO VIEIRA



Nasceu em 1935, em Vidago, e vive em Lisboa. Residiu em Paris de 1957 a 1961, ali sendo co-fundador do grupo KWY, e em Londres em 1965-67 e 1973-74. Frequentou o Curso de Pintura da Escola Superior de Belas Artes, em Lisboa, e a Academia de la Grande-Chaumière, em Paris.

Expôs pela primeira vez em 1956 e realizou vinte exposições individuais entre 1959 e 1988. Realizou encenações e cenografias. Leccionou pintura na Escola de Artes Decorativas António Arroio, no Maidstone College of Art, em Londres, no IADE, Lisboa, e nos Cursos de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa, e cenografia no Conservatório Nacional de Lisboa.

Prémios:

Círculo do Teatro Latino de Barcelona pela cenografia de *D. Quixote*, 1968.

Prémio Nacional de Encenação pelo seu trabalho na peça *Quem Tem Medo de Virgínia Woolf*, em 1971.

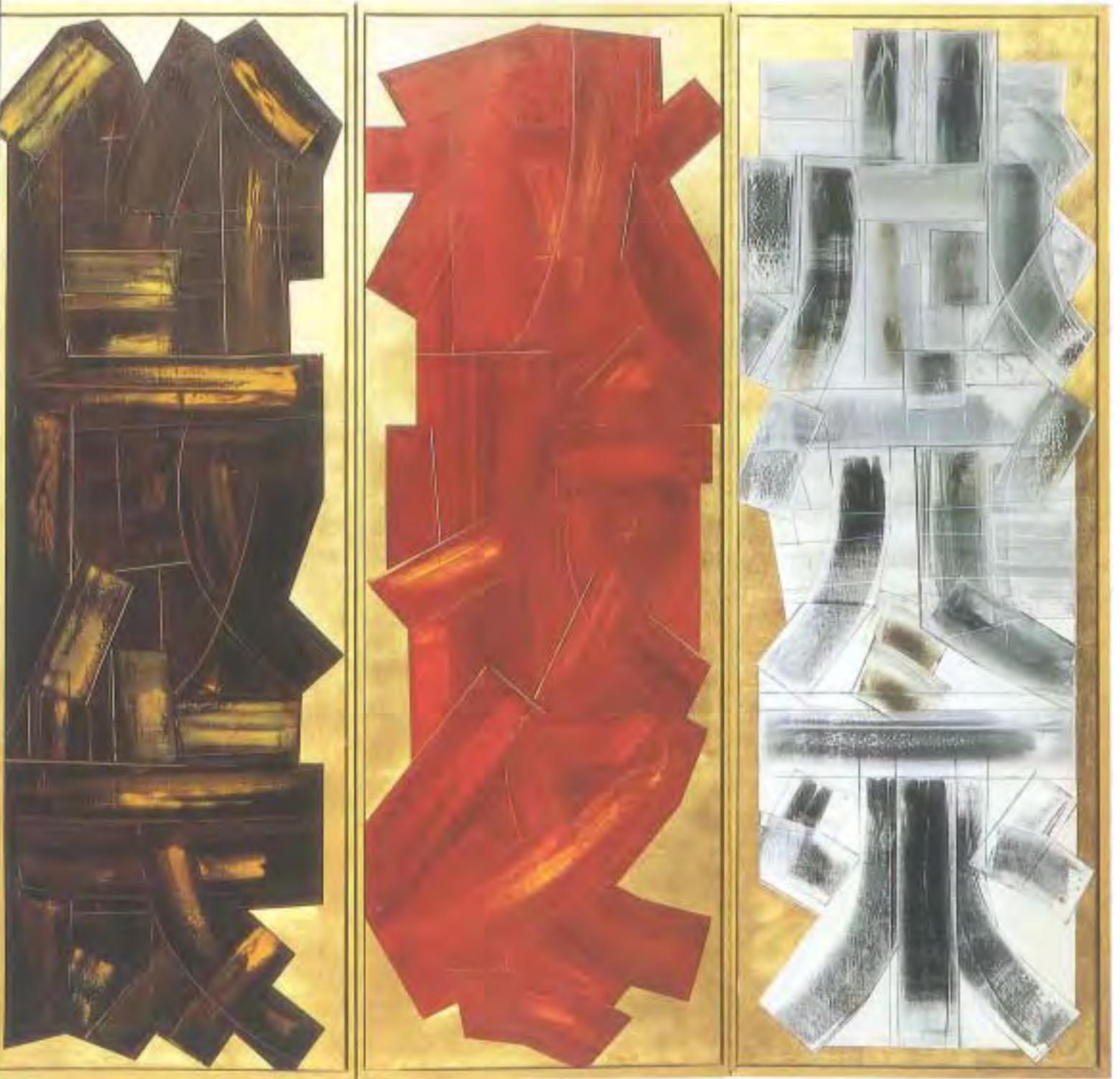
A partir de 1987 com *As Imagens da Escrita* sobre os painéis de S. Vicente, de Nuno Gonçalves, começou uma viagem pela história da pintura portuguesa, que continuou com a exposição sobre Francisco de Holanda *Diálogos de Lisboa*, em 1988, e com *Efeitos de Espelho (à maneira de Grão Vasco)*, em 1995.

Na sequência de uma viagem à China em 1992 utilizou caracteres chineses para a exposição *Silêncio Chinês*, em 1993.

Em 1995 realizou seis grandes painéis de azulejos para o Metropolitano de Budapeste.

Actualmente prepara vitrais para o Metropolitano de Lisboa para a estação do Terreiro do Paço.





Óleo sobre tela e folha de ouro



ANTÓNIO PALOLO



FOTO: JOSÉ MANUEL COSTA AVEIS

Nasceu em Évora, em 1946. Morreu em Lisboa, em Janeiro de 2000.

Das exposições individuais que realizou destacam-se as seguintes:

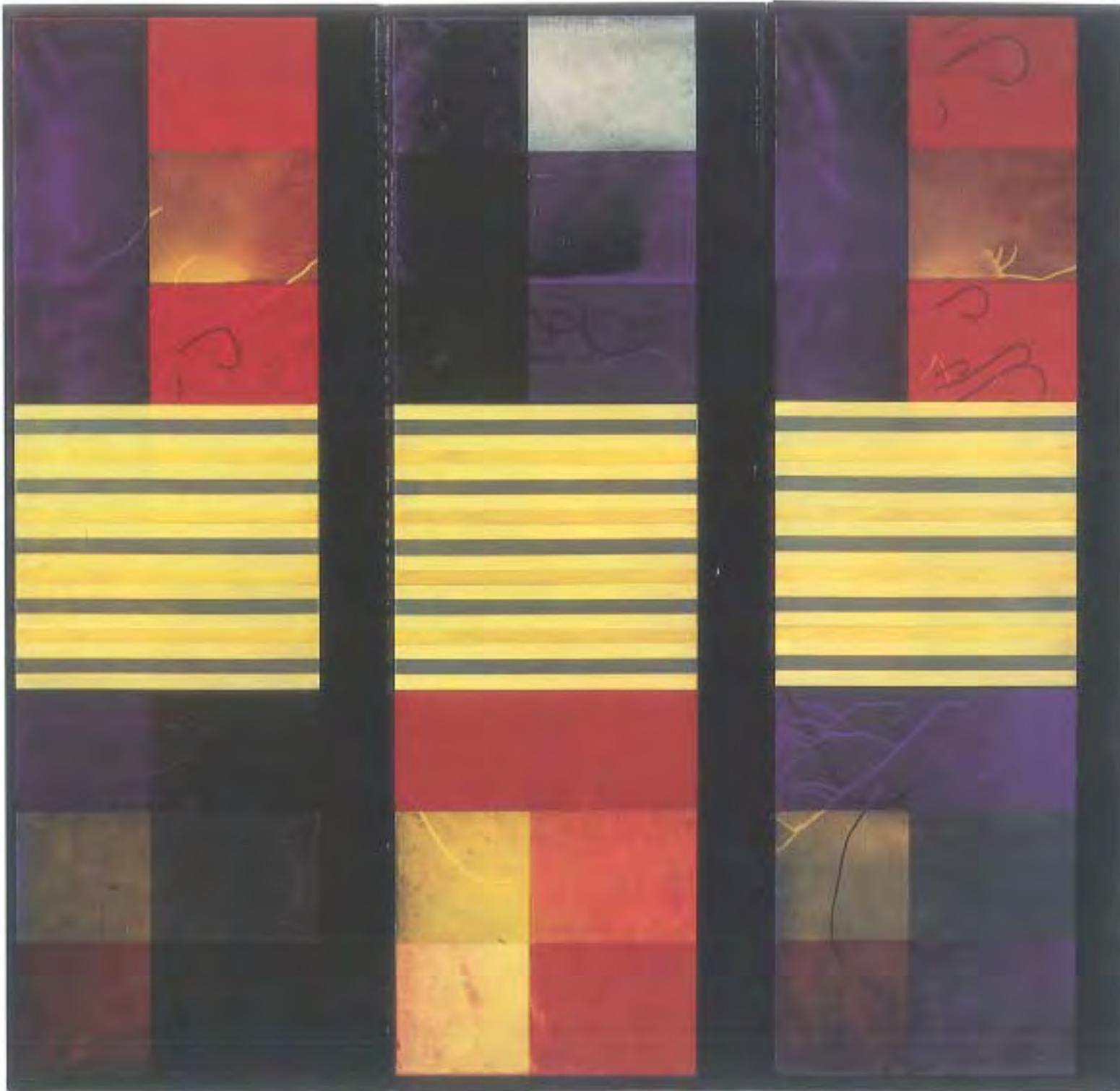
- 1964 Galeria 111, Lisboa.
- 1969 Galeria 111, Lisboa.
- 1970 Galeria Gávea, Açores.
- 1971 Galeria 111, Lisboa.
- 1973 Galeria 111, Lisboa.
- 1979 Galeria Diferença, Lisboa.
- 1980 Galeria CAP, Coimbra. Galeria Quadrum, Lisboa.
- 1981 Galeria Diferença, Lisboa. Pinturas, Casa de Bocage, Setúbal.
- 1983 Centro Nacional de Cultura, Lisboa. Galeria Altamira, Lisboa. Galeria Quetzal, Funchal. I Exposição Ibérica de Arte Moderna, Galeria Quadrum.
- 1985 Galeria Altamira, Lisboa.
- 1986 Galeria Quadrum, Lisboa. Galeria Jornal de Notícias, Lisboa.

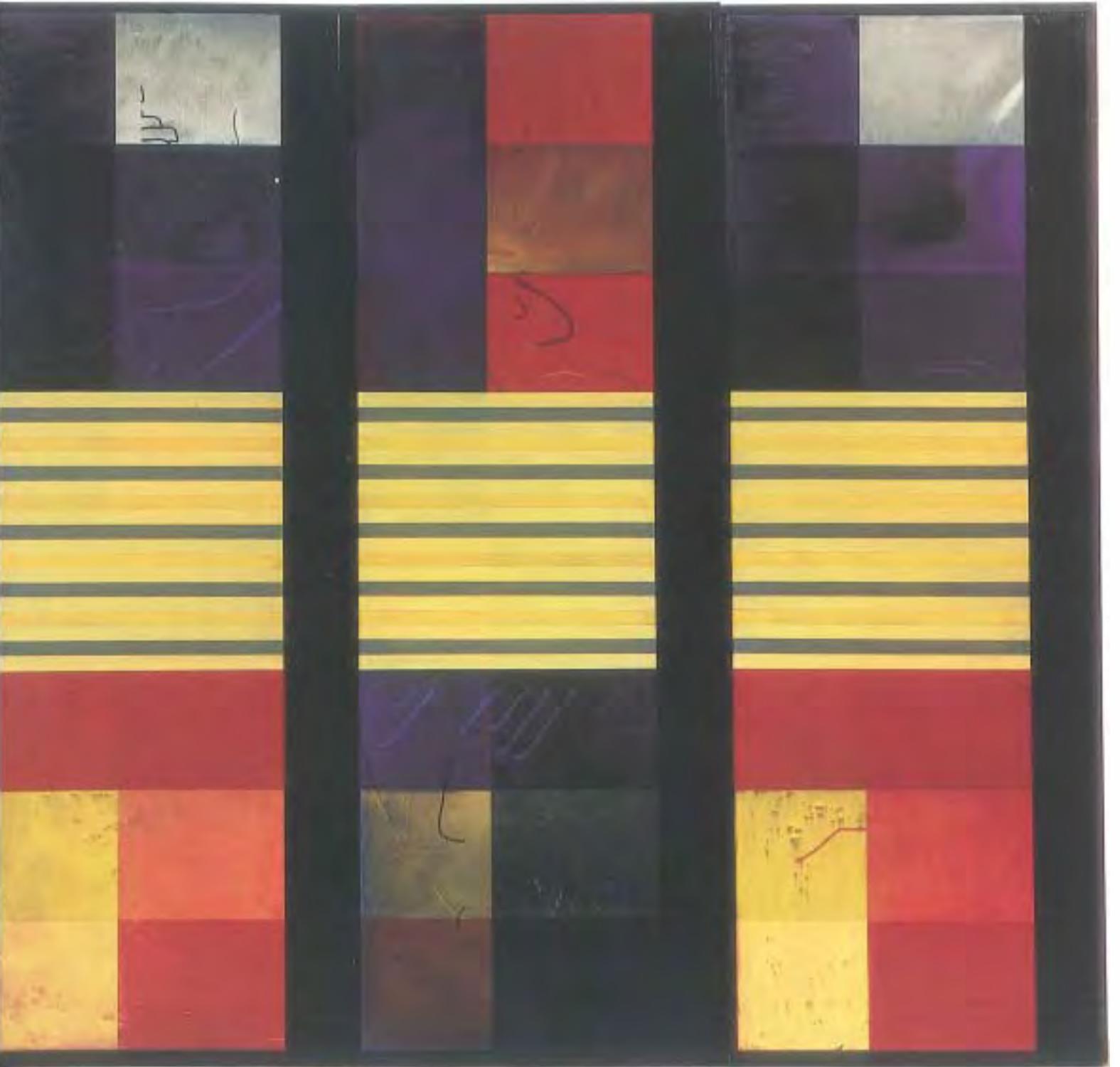
- 1987 Galeria Altamira, Lisboa.
- 1988 Galeria Altamira, Lisboa.
- 1991 Galeria Valentim de Carvalho, Lisboa.
- 1992 Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; GPE, Évora.
- 1993 CCL, Lagos.

Levou a cabo várias instalações, nomeadamente:

- Crater-Calice, 1979.
- Mente, 1980.
- Construção, 1980.
- Rear Vision, 1981.

Realizou também filmes experimentais, tais como: *Lines*, 1970; *4 Elementos*, 1972; *Lights*, 1976; *Spacer*, 1976 e *OM*, 1977-78, e vídeos como *Akasha Escolar* (performance), 1977; *Light Piece* (performance), 1979 e *Sinais* (performance), 1980.

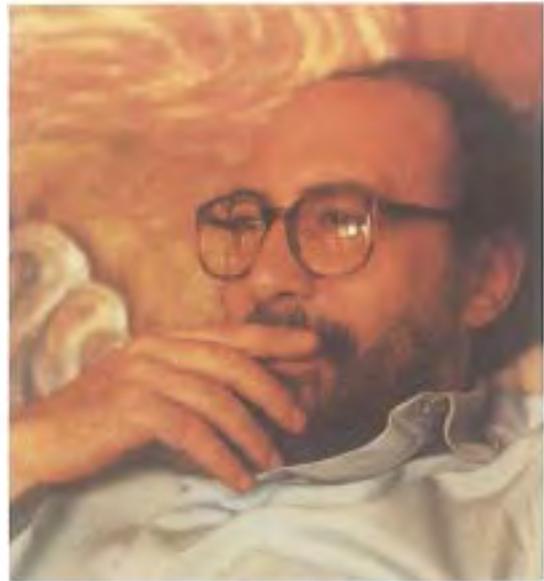




Acrílico sobre tela



ANTÓNIO VIANA



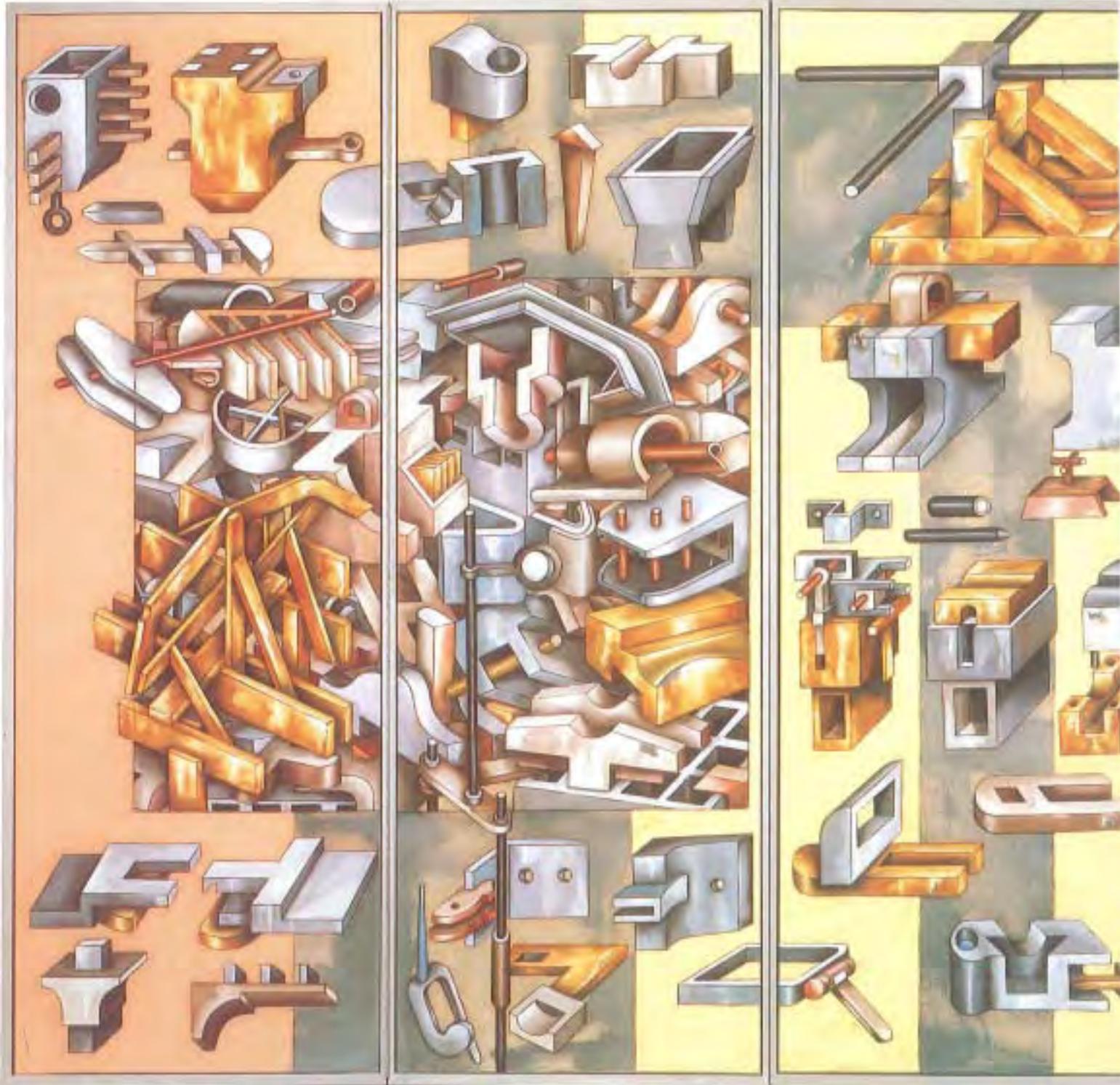
Nasceu a 19 de Maio de 1947, em Coimbra. Fez a sua primeira exposição individual em 1966. Em 1973 ganhou a Medalha de Prata do 10.º Salão de Arte Moderna da Junta de Turismo da Costa do Sol e, em 1987, obteve o Prémio da I Bienal de Arte de Sintra e o Prémio Manuel Filipe da II Exposição Pequeno Formato. Está representado em diversas colecções oficiais e particulares em Portugal e no estrangeiro. Em 1986 foi eleito membro do Conselho Técnico da Sociedade Nacional de Belas-Artes e faz parte, desde 1992, dos Corpos Gerentes da mesma Sociedade. Tem sido responsável pela concepção plástica de várias exposições organizadas pela CNCDP entre 1989 e 2000.

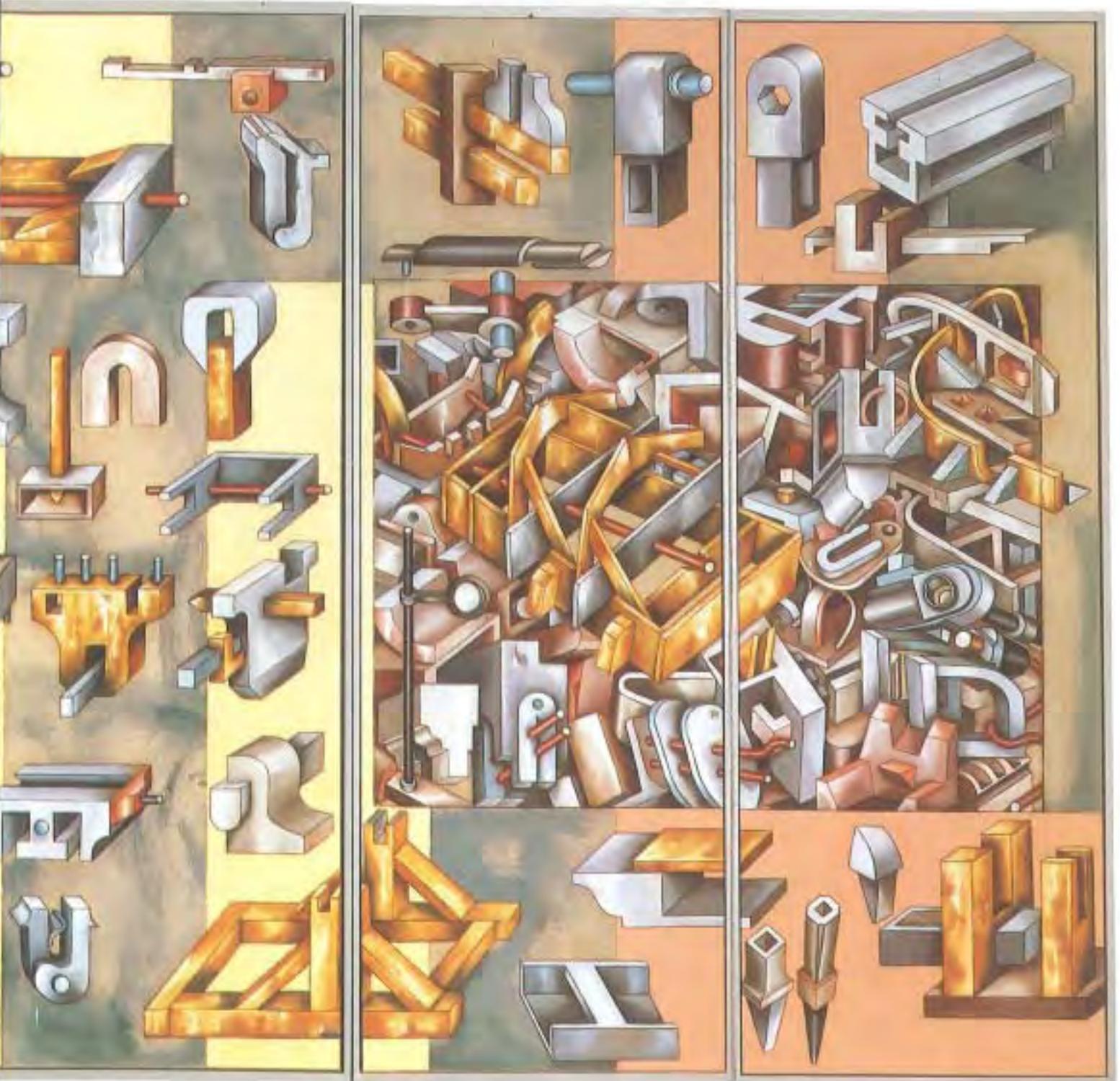


De 1966 a 1999 participou em cerca de 75 exposições colectivas e 27 individuais, de onde se destacam:

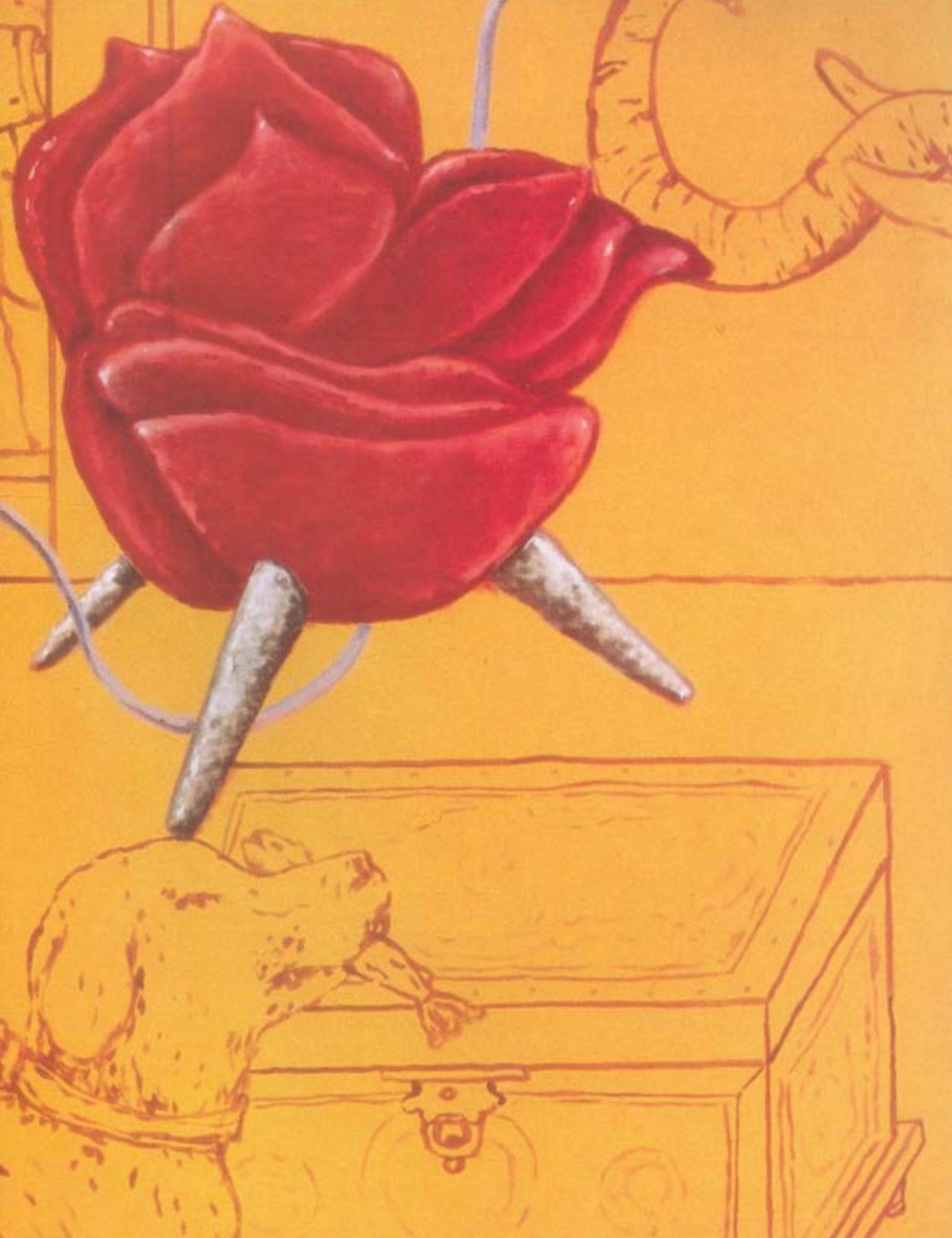
- 1966 Figueira da Foz.
- 1972 Galeria Convés, Aveiro.
- 1978 SNBA, Galeria de Arte Moderna (Quadro à Procura de Moldura), Lisboa.
- 1979 SNBA, Galeria de Arte Moderna (Desmontagens e Outras Imagens), Lisboa.
- 1980 Galeria Tempo/Grupo Alvarez, Desenho e Pintura, Lisboa.
- 1983 SNBA, Galeria de Arte Moderna (As Portas da (e para a) Cidade), Lisboa.
- 1986 Galeria EG, Porto e Galeria Lapub, Figueira da Foz.
- 1987 Galeria do Castelo de Palmela, Palmela, e Espaço CGD (A Forma das Formas), Paris.
- 1988 Galeria Altamira (Pinturas Recentes), Lisboa, e Galeria Santa Justa (Voando sem Asas nem Motores), Lisboa.
- 1991 Galeria Palmira Suso, Pintura, Lisboa e SNBA, Galeria de Arte Moderna, Desenhos, Lisboa.
- 1992 Galeria Gerard Schreiner, Pintura/Desenho, Lisboa.
- 1993 Clube 50, Lisboa.
- 1994 Fio de Prumo, Lisboa.
- 1996 Galeria Y Grego, Lisboa (Linhas de Horizonte); Museu Grão Vasco, Viseu; Galeria Municipal, Portimão, e Museu da Água, Lisboa (Tabelas de Oficina); Galeria Municipal de Alverca, Vila Franca de Xira, e Galeria Edicarte, Funchal (Desenhos para Um Edifício).
- 1997 Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian (Rumos), Ponte de Sor.
- 1998 Galeria Monumental (Rumos), Lisboa, e Galeria de Arte Vária (Figuras para Um Retrato), Coimbra.
- 1999 Galeria Art Konstant, Lisboa.

Participou também, por convite ou selecção, em diversas Bienais e Encontros de Arte no país e no estrangeiro, nomeadamente no México, Espanha, Hungria, Japão, Brasil, Uruguai, Canadá, Argentina, Angola e Marrocos.





Óleo sobre tela



PEDRO PROENÇA



Nasceu em 1962, no Lubango, em Angola.

Realizou as seguintes exposições individuais:

- 1984 Casa Bocage, Setúbal. Galeria Cómicos, Lisboa.
 1985 Galeria Jornal de Notícias, Porto.
 1986 Galeria Bertrand, Lisboa. Ginásio, Galeria Cómicos, Lisboa.
 1987 Galeria Fucares, Madrid.
 1988 Galeria Diferença, Lisboa.
 1989 Frith Street Gallery, Londres. Galeria Cómicos, Lisboa. Galeria Roma e Pavia, Porto.
 1990 Galeria Miguel Marcos, Madrid. Galeria Rita Garcia, Valência. Galeria Graça Fonseca, Lisboa.
 1991 Galeria Ratton, Lisboa.
 1992 Galeria Pedro Oliveira, Porto.
 1993 Scuderie dell Palazzo Ruspoli, Roma. Galeria Pedro Oliveira, Porto.
 1994 Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Galeria Rita Garcia, Valência. *Livros*, Livraria Assírio e Alvim, Lisboa.
 1995 *As 10 Cariátides. Uma Salada Alegórica*, Galeria de Gilde, Guimarães. *Moita Carrasco*, Galeria Porta 33, Funchal.
 1996 *Pedro Proença*, Fundação Oriente, Macau. *Entradas e Saídas*, Galeria 1991, Lisboa. *Big Girls Don't Cry*, Galeria Pedro Oliveira, Porto. *Da Interpretação*, Galeria Ad Hoc, Vigo. Galeria Xavier Fiol, Palma de Maiorca.
 1997 Galeria Caracol, Valladolid.
 1998 *Anacorese Galante*, Galeria Pedro Oliveira, Porto. *Súmula nunca infusa, de excepciones morfológicas*, Frankfurter Kunstverein. *As Falsas Apotéses*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris. Galeria Camargo Vilaça, São Paulo, Brasil. *Los Mambos de Judite*, Galeria Fucares, Madrid.
 1999 Centro Cultural do Ceará, Fortaleza, Brasil.

Destacam-se das exposições colectivas (selecção):

- 1988 *Aperto 88: La Biennale di Venezia*.
 1989 Frith Street Gallery, Londres. *1.ª Triennial de Dibuix Juan Miró*, Fundació Juan Miró, Barcelona.

- 1990 *Ultima Frontera*, Centro d'Art Santa Mónica, Barcelona. *Carnet de Voyages*, Fondation Cartier, Jouy-en-Josas.
 1991 *Tendências*, Fórum Picoas, Lisboa. *Tríptico*, Museu van Hedendaags Kunst, Ghent. *Há um minuto no mundo que passa / obras da colecção de Serralves*, Fundação de Serralves, Porto.
 1992 *Fundação de Serralves: um museu português*, Sevilha. *Arte contemporânea na colecção da FLAD*, CAM/Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. *10 Contemporâneos*, Fundação de Serralves, Porto.
 1993 *Wester Lines*, Hara Museum Arc, Gunma. *Almada. A Cena do Corpo*, Centro Cultural de Belém, Lisboa. *Tradição, vanguarda e modernidade do século XX português*, Auditório de Galicia, Santiago de Compostela.
 1994 *Drawing towards a distant shore*, The Drawing Center, New York. *Perspectives*, La Ferme du Buisson Centre d'Art Contemporain, Marne-la-Vallée.
 1995 *Extremo Occidente*, Sala Rekalde, Bilbao. *Waves of Influence*, Snug Harbor Cultural Center / Everson Museum of Art (1995) / Rhode Island School of Design Museum of Art (1996).
 1996 *2.ª Bienal de Arte AIP'96*, Europarque, Santa Maria da Feira.
 1997 *Form Und Funktion der Zeichnung Helite*, Art Frankfurter 1997. *Ornamental y Decorativo*, MEIAC, Badajoz. *Linba de Costa – Contemporary Art of Portugal*, Künstlerwerkstatt Lothringerstrasse, München. *Hors-Texte*, 49-Frankfurter Buchmesse 1997, Frankfurt.
 1998 *Liberamente*, Cesena, Itália. *Circuitos d'Água, Lisboa*.

Colecções públicas

Está representado nas colecções da Fundação de Serralves, Porto; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; MEIAC · Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporâneo de Badajoz, Badajoz; Museo Reina Sofia, Madrid; Caja de Ahorros de Extremadura, Plasencia.





Acrílico sobre tela



JOSÉ DE GUIMARÃES



FOTO: ANDREW KUSHIN

Nasceu em 1939, em Guimarães, e vive em Lisboa.

Expôs pela primeira vez em 1960 e realizou 111 exposições individuais em Portugal, Lisboa, Guimarães, Porto, Angra do Heroísmo, Funchal, desde 1968 até 1999, e no estrangeiro, em Paris, Zurique, Milão, Veneza, Tóquio, Madrid e Macau, entre outras.

Prémios:

1.º Prémio de Gravura da Universidade de Luanda, 1967.

Prémio *Orwell 1984*, Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

Grande Prémio IX Bienal Internacional *El deporte en las Bellas Artes*, Barcelona, Espanha, 1986.

Trofeu de Arte e Desporto do Comité Olímpico Internacional, 1991.

Prémio Nacional de Artes Plásticas, AICA / SEC, 1992.

Prémio de Pintura Ortega Muñoz da Caja de Extremadura, Placência, Espanha, 1998.

Encontra-se representado em diversas colecções públicas e privadas em Portugal e no estrangeiro, como por exemplo na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; no Museu Nacional de Arte Contemporânea, Casa de Serralves, Porto; Colecção do Estado Português, Lisboa;

Museu Nacional Soares dos Reis, Porto; Museu das Cruzes, Funchal, Colecção do Governo Regional da Madeira; Museu Alberto Sampaio, Guimarães; Museu do Caramulo, Museu de Angra do Heroísmo, Açores; Museu Martins Sarmento, Guimarães; Museu de Arte Moderna, São Paulo; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro; Colecção do Estado Francês, Font National d'Art Contemporain, Paris; Museu de Angola, Luanda; Wurth Museum, Kunzelsau e ainda em museus da Argentina, Bélgica, Canadá, Holanda, Israel, Japão, Coreia, Suíça, México e Estados Unidos.

Bibliografia seleccionada:

DORFLÉS, Gillo, *Le Sculpture di José de Guimarães*, Milão, Naviglio Ed., 1986; FRANÇA, José-Augusto *et alii*, *José de Guimarães na Arte Portuguesa dos Anos 90*, Porto, Afrontamento Ed., 1999; JOLE, Marcel Van, *José de Guimarães*, Genève, Paris, Antwerpen, Arte et Biblio Press Ed., 1979; MIRACLE, Daniel Giralt, *José de Guimarães*, Barcelona, Agenda Ed., Ambit Serveis Editorials, SA, 1988; PERNES, Fernando, *José de Guimarães*, Lisboa, Imprensa Nacional Ed., 1983; TABUCCHI, Antonio, *Il Gioco di Carte di José de Guimarães*, Milão, Naviglio Ed., 1985.





Acrílico sobre tela

Produção
Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

Concepção original e nota de apresentação
Vasco Graça Moura

Coordenação
Jorge Manuel dos Santos Alves

Coordenação Executiva
Isabel Gentil
Jorge Nunes Fonseca

Secretariado
Nélia Moreno

Revisão
Fernanda Abreu

Design Gráfico
José Brandão
[Atelier B2]

Fotografias
Paulo Cintra e Laura Castro Caldas

Composição de texto
Textype

Impressão
GIR – Gabinete de Impressão

Seguros
Occidental Seguros

Abril de 2000

Tiragem: 2000 exemplares
ISBN 972-787-016-3
Depósito legal n.º 150 560/00

CNCDP - Catalogação na Fonte

PORTUGAL, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
Biombos dos Portugueses / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. – Lisboa: CNCDP, 2000. – 56p: il; 30cm. – ISBN 972-787-016-3

PORTUGAL BRASIL 1500 2000

